



INDISCIPLINA E AUTORIDADE NA ESCOLA

SIMON, Ingrid – Fadep
ingridsimon02@hotmail.com

Eixo Temático: Violências na Escola
Agência Financiadora: Não contou com financiamento

Resumo

Este artigo apresenta uma investigação sobre o conceito de indisciplina escolar a partir de um conjunto de estudos sobre autoridade. Tal investigação foi realizada no Programa de Pós-Graduação, *Strito Sensu* – Mestrado em Educação, na Universidade Tuiuti do Paraná em 2008. O objetivo deste artigo é apresentar algumas noções de indisciplina escolar desenvolvidas naquela pesquisa, para o campo da educação, e, mais especificadamente, para as discussões sobre indisciplina escolar e autoridade docente. Primeiramente, vamos explicar o método utilizado. Num segundo momento, apresentamos o desenvolvimento do conceito de indisciplina escolar e, na terceira etapa, as considerações finais. Optamos por uma investigação de *Desenvolvimento Conceitual*, uma modalidade de pesquisa da *Análise Conceitual*, não com o propósito de chegar a um conceito universal de indisciplina escolar, mas com o objetivo de desenvolver o conceito de indisciplina a partir de um conjunto de estudos sobre autoridade. Na pesquisa os conceitos de indisciplina escolar e autoridade docente foram considerados a partir de um conjunto de textos. Tivemos como principal referência a obra *Authority*, de Richard Sennett. As concepções desse teórico foram importantes para entendermos a noção de autoridade e, por meio dela, desenvolvermos o conceito de indisciplina escolar. Entendemos que a indisciplina está relacionada com a autoridade, a indisciplina pode ser entendida como uma *máscara*, uma tentativa de *passar despercebido* pelos professores. Entre os resultados obtidos na nossa pesquisa destacamos a noção de indisciplina escolar como uma ruptura, uma desvinculação com o vínculo de autoridade docente. Finalmente, a indisciplina seria uma tentativa de reinterpretar o poder e as condições de controle e influência dos professores, redefinindo uma imagem de força e fraqueza na escola, expressaria a necessidade de outra legitimidade para a autoridade e poderia ser entendida como uma possibilidade de reinvenção da autoridade docente.

Palavras-chave: Educação. Indisciplina Escolar. Autoridade Docente. Desenvolvimento Conceitual.

Introdução

Este artigo apresenta uma investigação sobre o conceito de indisciplina escolar a partir de um conjunto de estudos sobre autoridade. Tal investigação foi realizada no Programa de

Pós-Graduação, *Strito Sensu* – Mestrado em Educação, na Universidade Tuiuti do Paraná em 2008. O objetivo deste artigo é apresentar algumas noções de indisciplina escolar desenvolvidas naquela pesquisa, para o campo da educação, e, mais especificadamente, para as discussões sobre indisciplina escolar e autoridade docente. Primeiramente, vamos explicar o método utilizado. Na seqüência, apresentamos o desenvolvimento do conceito de indisciplina escolar e, ao final, algumas considerações de nossa análise.

Desenvolvemos a pesquisa segundo as linhas de uma investigação de *Análise Conceitual*. Esse método se desdobra da investigação filosófica-analítica, de acordo com Coombs e Daniels (1991). Dentro dessa modalidade de estudo, optamos por explorar uma de suas vias de análise, o *Desenvolvimento Conceitual*. A *Análise Conceitual*, na via de *Desenvolvimento Conceitual*, possibilita estabelecer uma comunicação diferente entre os textos, permitindo compreender e trabalhar com as relações entre os conceitos estudados. Essa modalidade de investigação nos proporciona um novo e mais profundo olhar sobre a discussão teórica, que também poderá refletir sobre as práticas pedagógicas. Mas, para nós, o relevante neste trabalho foi desenvolver o conceito de indisciplina escolar a partir de um conjunto de estudos sobre autoridade, dentro do método de pesquisa adotado.

O *Desenvolvimento Conceitual*, conforme Garcia (2003) propõe-se a desenvolver e sustentar um conceito ou uma estrutura conceitual. Segundo o mesmo autor, “o desenvolvimento de conceitos ocorre quando modificamos ou reconstruímos aspectos de nossas atuais estruturas conceituais” (p. 4), e ainda, “o desenvolvimento conceitual, ao desdobrar novas estruturas conceituais nos permite realizar tarefas para as quais nossos antigos conceitos parecem inadequados” (p. 4).

Em nosso percurso de estudos sobre indisciplina escolar, deparamo-nos com seus diversos significados, complexos e, muitas vezes, ambíguos. Nessa diversidade conceitual percebemos o conceito de autoridade docente, que se faz presente entre as discussões sobre indisciplina escolar. Procuramos, assim, compreender a autoridade, com base nos estudos de Richard Sennett (1980) e explorar as noções de indisciplina escolar.

Com base na obra *Authority* de Richard Sennett (1980) apresentamos a noção de autoridade como um laço afetivo e social, como uma expressão emocional do poder, um vínculo entre pessoas desiguais, como “uma tentativa de interpretar as condições de poder, de dar sentido às condições de controle e influência, definindo uma imagem de força”

(SENNETT, 2001, p. 33). A partir desse conceito de autoridade desenvolvemos o conceito de indisciplina escolar, na seqüência, por meio do método *Desenvolvimento Conceitual*.

Analisando a Indisciplina Escolar

Nesta etapa, apresentamos algumas noções desenvolvidas na pesquisa que originou este artigo. Organizamos nossa análise em três perspectivas, dentro do conceito de autoridade de Richard Sennett (1980). Na primeira analisamos o conceito de indisciplina e a expressão emocional do poder; na segunda, indisciplina e o vínculo entre desiguais; e na terceira, indisciplina e uma interpretação do poder.

O conceito de indisciplina é compreendido de diversas maneiras no interior da escola. Rego (1996, p. 84-85) afirma que:

O próprio conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tão pouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo. Também no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que foram aplicadas. Como decorrência, os padrões de disciplina que pautam a educação das crianças e jovens, assim como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado não somente se transformam ao longo do tempo como também se diferenciam no interior da dinâmica social.

Ainda que o conceito de indisciplina não seja estático e uniforme, a mesma autora assevera que as expressões de indisciplina, na maioria das vezes, são consideradas como um comportamento inadequado entendido como um sinal de rebeldia, intransigência, falta de educação e desrespeito pelas autoridades, agitação, capazes de atrapalhar as atividades em sala de aula. Esta noção está atrelada ao entendimento de indisciplina em um determinado momento histórico, em um contexto e por determinadas pessoas.

A investigação desenvolvida por Novais (2004, p. 16) demonstrou a influência da autoridade na questão da disciplina, visto que a “autoridade emerge do discurso daqueles que estão envolvidos no contexto educacional e está intimamente vinculada à (in) disciplina”. A autora verificou que o professor que dialogava com os seus alunos, assumindo a autoridade, que não estava apenas vinculada ao controle e à disciplina dos alunos, conseguia trabalhar e compreender a indisciplina.

Tanto a pesquisa de Novais (2004) quanto a de Rego (1996) apresentam a indisciplina de maneira diversa, porém ambas compreendem que a indisciplina está ligada à interpretação dos sujeitos escolares, e também à autoridade docente, seja na capacidade de o professor assumir a autoridade que lhe cabe ante a indisciplina, seja no desrespeito pela autoridade. Além disso, a indisciplina escolar toma diversas formas e está relacionada a vários fatores, assim como variam as interpretações sobre ela. Alguns fatores identificados frequentemente como origens da indisciplina são: os estudantes, professores, escola e a sociedade, além das questões da sala de aula, como as atitudes dos professores e as expectativas que eles têm no comportamento dos alunos (LEWIS, 1997, p. 405-406).

A indisciplina escolar possui diversos significados e diferentes noções. Para Garcia (1999, p. 103), a “indisciplina escolar apresenta, atualmente, expressões diferentes, é mais complexa e ‘criativa’ e parece aos professores cada vez mais difícil de equacionar e resolver de um modo efetivo”. A indisciplina mais complexa e criativa refere-se, por exemplo, à falta de interesse em fazer atividades, ou ainda a outras situações em que os professores encontram e alegam não se sentirem preparados (GARCIA, 1999, p. 103). Essa noção de indisciplina – cada vez mais complexa e de diferentes definições – pode representar diversificados aspectos no processo de desvinculação com a autoridade do professor.

A indisciplina escolar está ligada a inúmeros e diferentes fatores. Esses fatores podem ser relacionados com questões externas à escola, como violência, mídia, família (GARCIA, 1999). Também podem estar ligados às questões escolares, em relação às tarefas escolares que são consideradas triviais e chatas que não motivam os alunos; as imposições autoritárias da escola de ideais e regras, o que faz com que os alunos naturalmente reajam contra aquelas restrições; a falta de autoridade; e a intenção de chamar a atenção que faz com que os alunos ajam de maneira indisciplinada (DOYLE, 1986, p. 419).

O que alguns docentes entendem por indisciplina, quanto aos fatores internos, ainda, pode ser a evidência de que algo está errado em sala de aula, seja pela postura de alunos que não fazem silêncio, quando este é solicitado, seja pela não-participação deles nas atividades (DELGADO e CAEIRO, 2005, p. 24). Dessa maneira, pensamos que a indisciplina pode refletir o processo de desvinculação, com o currículo escolar, com o planejamento e organização da aula, com as condições de ensino e com a autoridade do professor.

No processo de desvinculação com a autoridade docente, podemos entender essa *autoridade como uma expressão emocional do poder* (SENNETT, 2001). Dessa maneira, a

indisciplina escolar, por um lado, poderia romper com a expressão emocional do poder que define a autoridade, pois poderia demonstrar que essa autoridade não é legítima. Ela romperia com uma expressão emocional do poder, que definia a autoridade, por não considerar um poder legítimo.

Por outro lado, a indisciplina escolar poderia ser uma expressão emocional singular do aluno. Uma *máscara* é um modo de proteger alguém da influência de uma autoridade, de acordo com Sennett (2001, p. 188). Então, os alunos poderiam utilizar *máscaras* para se proteger das influências de uma autoridade. Dessa forma, uma *máscara* seria utilizada na sala de aula pelos alunos e possibilitaria uma desvinculação com a autoridade que não fosse reconhecida. A indisciplina seria uma *máscara* que serve de instrumento para romper com a autoridade e poderia revelar um descuido na relação entre professor e aluno. A indisciplina, ainda, poderia ser um sinal de que a autoridade não estaria demonstrando interesse pelo outro.

A indisciplina poderia ser compreendida de maneira mais ampla, como uma oportunidade de revisão, de repensar dos sujeitos escolares sobre eles, seus papéis na escola, sobre as responsabilidades e sobre o processo educativo em que estão envolvidos, superando, assim, a visão de que a indisciplina é um problema na sala de aula. A indisciplina demonstraria o que o aluno sente e pensa, sobre como ele vive e aprende dentro do processo de escolarização. A indisciplina poderia ainda, indicar crescimento, mudança dos alunos sobre eles mesmos, as relações que estabelecem e sobre a autoridade docente.

No cotidiano escolar, muitos alunos, preferem “passar despercebidos”. De acordo com Sennett (2001, p. 132-133), “passar despercebido é sobreviver, usar a própria normalidade como máscara, ansiar pela indiferença das autoridades: isso leva a prática de uma autodisciplina muito mais rígida”. Pensando sobre a indisciplina escolar, podemos afirmar que nem sempre ela será ativa, podendo ser também passiva, em que o aluno tenta passar sem ser percebido, mas não está vinculado com o ensino, com a aprendizagem ou com o professor. A indisciplina pode ser ativa, na qual o aluno faz bagunça, ou passiva, quando o professor até consegue silêncio, mas não interação nem vínculos com seus alunos (VASCONCELLOS, 2004, p. 95).

Ainda, a *autoridade pode ser compreendida como um vínculo*, uma relação entre pessoas desiguais. De um lado dessa relação estão aqueles que precisam da autoridade para que sejam guiados, por diversos motivos. Do outro lado, estão aqueles que se realizam ao serem autoridades, pois é o modo de expressarem interesse por outrem; são eles os adultos

(SENNETT, 2001, p. 27). Nessa demonstração de “interesse” e “necessidade” percebemos que o vínculo de autoridade se dá pela posição desigual entre as pessoas.

A indisciplina escolar romperia com a autoridade docente, não apenas com as regras que ela constitui ou segue, mas como uma possibilidade de rever, de discutir a relação entre professor e aluno. No contexto escolar podemos afirmar que a indisciplina romperia com esse vínculo, ainda que necessário, e por isso oportunizaria que ele fosse reinventado. Ela não estaria associada à presença de maior ou menor pulso de uma autoridade. A indisciplina indicaria possibilidades de rever a formação do vínculo de autoridade entre alunos e professores em sala de aula, se aquele tiver como base relações de poder estabelecidas arbitrariamente.

A indisciplina escolar pode estar relacionada com as relações entre alunos e professores. Pensar a indisciplina nessa perspectiva, segundo Garcia (2007, p. 17), “representa um outro entendimento sobre a gênese da indisciplina, também implica outras expectativas quanto ao papel dos professores em sala de aula, e portanto, sugere outras visões em relação a sua formação”. A indisciplina, nesse sentido, pode ser pensada no processo de desvinculação com a autoridade do professor que faz rever as expectativas do docente em relação a sua autoridade e à sua formação.

A indisciplina poderia ser compreendida como uma expressão do desejo de orientação, segurança e estabilidade, que não estaria sendo satisfeito pela autoridade e, por isso, provocaria o rompimento com a autoridade. A ruptura poderia acentuar a não formulação de vínculos com o docente ou com as demais pessoas no ambiente escolar. Como consequência desse rompimento, poderia surgir um sentimento de exclusão dos próprios alunos. Eles se sentiriam excluídos por sentirem falta de autoridade, da formação de vínculos de autoridade, com o professor na sala de aula.

De acordo com Sennett (2001, p. 225), para “levar a sério os ideais que, da boca pra fora, a maioria das sociedades do Ocidente afirma alimentar”, precisamos estabelecer uma estrutura de poder receptiva àqueles que lhe estiverem submetidos, uma estrutura disponível à discussão e à reformulação. Pensando na indisciplina, afirmamos que ela poderia demonstrar que a receptividade na relação entre professor e aluno para a formação de um vínculo de autoridade, não estaria sendo suficiente. Também, a indisciplina poderia não reconhecer a desigualdade num vínculo de autoridade, que enseja um vínculo entre pessoas desiguais, por

isso ele seria rompido pela indisciplina. Dessa maneira a indisciplina indicaria falta de receptividade e da experiência da relação de autoridade entre os sujeitos escolares.

A indisciplina escolar poderia refletir algo sobre a relação entre professor e aluno. Ela poderia demonstrar que os alunos querem participar de algum modo no cotidiano escolar e na formulação da autoridade. Suas expressões são variadas e aproximam os sujeitos escolares, atravessando os relacionamentos entre esses sujeitos, o que se refletiria na forma como eles estariam interpretando as condições de poder da autoridade. A indisciplina seria uma força de transformação no relacionamento entre professores e alunos e seus diversos sentidos se atualizariam. Por essa razão, a indisciplina romperia e poderia transformar o modo como a autoridade seria construída e interpretada.

A autoridade docente, para Pace e Hemmings (2006, p. 2), é múltipla na sua forma e na maneira como ela é interpretada. Segundo as autoras, ela é consequência da vida em sala de aula, trabalho dos professores e alunos e expressão da democracia, possibilitada pelas negociações dinâmicas entre os sujeitos escolares, interpretando as condições de poder. Entretanto, segundo aquelas autoras, o conceito de autoridade muitas vezes está atrelado ao pensamento individual, em que a ação e a relação humana são determinadas por discursos que normalizam a dominação mediante relações de autoridade e conhecimento. Aqui a autoridade aparece como parte de um sistema de coerção, se não de manifesto poder (PACE e HEMMING, 2006, p. 12). Essa normalização faz com que a autoridade seja confundida com poder, autoritarismo e outros sistemas repressivos.

A autoridade é “uma tentativa de interpretar as condições de poder, de dar sentido às condições de controle e influência, definindo uma imagem de força” (SENNETT, 2001, p. 33). Entendemos que a indisciplina escolar representaria uma falta de um processo interpretativo constante do poder, para a formulação do vínculo de autoridade. Ainda, a indisciplina, poderia demonstrar a importância de revermos o sentido dado pela autoridade ao controle e à influência na definição de uma imagem de força. Por esse motivo, a indisciplina romperia com a autoridade, com a imagem de força, mostrando a necessidade de reinterpretar as condições do poder e redefinição dessa imagem.

As pesquisas realizadas sobre indisciplina escolar e autoridade docente por Fernandes (2001) e, outra, por Pappa (2004) indicam a dificuldade que boa parte dos professores tem para compreender a indisciplina escolar. Esse fato, muitas vezes, segundo estes trabalhos, faz com que a indisciplina seja sentida pelos professores como uma ameaça, e faz com que eles se

sintam acudados e enfraquecidos como autoridades em sala de aula, contribuindo para a chamada “crise da autoridade docente”. Essas pesquisas, embora distintas, entendem que a indisciplina pode estar relacionada com a autoridade docente, principalmente no sentido de colocá-la como uma ameaça para a autoridade do professor.

A percepção das diferenças de força define a legitimidade da autoridade para Sennett (2001, p. 206). Se o vínculo da autoridade é capaz de julgar e tranquilizar, com base no autor, é porque o vínculo de autoridade é formado por uma ligação entre pessoas desiguais, interpretando diferenças de força e dando sentido às condições de controle e influência; sendo assim, seria considerado um vínculo de autoridade legítimo.

A indisciplina poderia romper com essa diferença de forças mostrando a necessidade de reinterpretar as condições de poder. A questão da legitimidade da autoridade na escola também seria demonstrada pela forma como entendemos a indisciplina, pois ela evidenciaria as ilegitimidades e a importância de se rever o que legitima a autoridade. A indisciplina romperia com a legitimidade da autoridade e poderia ser entendida como uma busca por outra legitimidade. Ainda, a indisciplina escolar poderia ser entendida como a vontade e a necessidade de viver uma experiência de autoridade legítima, assim como poderia demonstrar a existência de uma autoridade ilegítima. Consideramos que a indisciplina reforçaria a necessidade de uma postura interpretativa para as condições de poder que determinam a autoridade e também a importância de uma postura interpretativa diante dela.

No contexto educacional, segundo Arum (2003, p. 14), legitimidade e autoridade são componentes centrais para disciplina na escola. Com base em sua pesquisa, Arum (2003, p. 22) afirma que a indisciplina escolar é a medida da legitimidade da autoridade moral da escola. Nas escolas investigadas pelo mesmo autor, a disciplina efetiva exige que os alunos internalizem as regras escolares mediante a legitimidade exercida pela autoridade, entretanto, se a disciplina escolar for vista, pelos alunos, como não muito severa ou ao contrário, como muito rigorosa, a autoridade perderia legitimidade (ARUM, 1003, p. 22). A medida da legitimidade da autoridade, para o autor, está intimamente ligada às questões de indisciplina. Por fim, a indisciplina escolar poderia romper com a autoridade, pois não há reconhecimento de que essa autoridade seja legítima.

Com base nos escritos de Sennett (2001) apresentados nesta seção, a indisciplina pode ser pensada como “uma tentativa de conseguir algo que é escasso na sociedade capitalista avançada: o sentimento de ser respeitado e reconhecido pelos outros por exercer as tarefas

prosaicas da vida, e por ser apenas uma pessoa comum”. Acrescentamos que a indisciplina pode ser a denúncia e o rompimento com os vínculos de autoridade ilegítimos, rompendo com as imagens de autoridades ilegítimas que temos na sociedade e podem ser vistos na sala de aula, por exemplo, o *paternalismo* e a *autonomia*.

Pensamos que o conceito de indisciplina também pode estar relacionado a diversos fatores, podendo ser entendido de forma variada. Entretanto, nas diversas possibilidades interpretativas, a indisciplina será aqui entendida como parte de um processo de desvinculação, que é capaz de romper com o vínculo de autoridade docente. A indisciplina escolar pode contribuir com a crise de autoridade do professor, pois seria uma forma de questionar a maneira como os professores estão interpretando as condições de poder, controle e influência da autoridade docente. Além disso, tendo por base o conceito de autoridade podemos desenvolver o conceito de indisciplina.

Considerações finais

Entre os resultados obtidos destacamos a noção de indisciplina escolar como uma ruptura, uma desvinculação com o vínculo de autoridade docente. O método utilizado na pesquisa, o Desenvolvimento Conceitual, possibilitou outro olhar sobre o conceito de indisciplina escolar. Convém ressaltarmos que o estudo realizado, pela via do Desenvolvimento Conceitual, não esgota todas as possibilidades de investigações da Análise Conceitual e sobre indisciplina escolar e autoridade. Ainda, há muitos caminhos a serem inventados e investigados sobre essa temática. Com base no que estudamos, podemos afirmar que a indisciplina seria uma tentativa de reinterpretar o poder e as condições de controle e influência dos professores, redefinindo uma imagem de força e fraqueza na escola. A indisciplina escolar expressaria a necessidade de outra legitimidade para a autoridade e poderia ser entendida como uma possibilidade de reinvenção da autoridade docente. Finalmente, a indisciplina possibilitaria uma revisão do vínculo entre professores e alunos, podendo ser uma força de transformação na relação entre eles e na maneira como ambos constroem e interpretam o vínculo de autoridade.

REFERÊNCIAS

- ARUM, R. **Judging school discipline**. The crisis of moral authority. Harvard University Press: Cambridge, 2003.
- COOMBS, J. R.; DANIELS, L. R. B. Philosophical inquiry: conceptual analysis. In: SHORT, E. (Ed.). **Forms of curriculum inquiry**. Albany: Suny, 1991. p. 27-41.
- DELGADO, P.; CAEIRO, J. **Indisciplina em contexto escolar**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.
- DOYLE, W. Classroom organization and management. In: **Handbook of research on teaching**. A project of the American education. 3ª ed. New York: Mac Millan, 1986, p. 418-431.
- FERNANDES, A. C. Um estudo sobre o engendramento da indisciplina no cotidiano escolar. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 24, Caxambu. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPED, 2001.
- GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**. Curitiba, n. 95, p. 101-108, 1999.
- GARCIA, J. Análise conceitual: uma introdução. **Notas de Aula**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003. 12 p.
- GARCIA, J. Notas sobre indisciplina e formação de professores. In: Seminário Indisciplina na Educação Contemporânea, III, 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2007, p. 14-23.
- NOVAIS, E. L. É possível ter autoridade em sala de aula sem ser autoritário? **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 7, n. 1, p. 15-51, jan./ jul. 2004. Disponível em: <<http://rle.ucpel.tche.br>>. Acesso em: 26 ago. 2006.
- PACE, J. L.; HEMMING, A. Understanding classroom authority as a social construction. In: PACE, J. L.; HEMMING, A. (Eds.). **Classroom authority**. Theory, research, and practice. New Jersey: LEA, 2006. p. 1-31.
- PAPPA, J. S. A. **(In)disciplina e violência escolar segundo a concepção de professores de ensino fundamental**. 2004. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Marília, 2004.
- REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J. G. (Org.). **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. 11. ed. São Paulo: Summus, 1996. p. 101-127.
- SENNETT, R. **Authority**. New York: W. W. Norton, 1980.
- SENNETT, R. **Autoridade**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SIMON, I. **Indisciplina escolar e autoridade docente**. 2008. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Programa de Pós-Graduação, Curitiba, 2008.

VASCONCELLOS, C. S. **(In)disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 15. ed. São Paulo: Libertad, 2004.